

Coleção Vértice
126

A ARTE DE VIVER

HILDEBRAND PROJECT

Sobre o Projeto Hildebrand

O projeto busca difundir a rica tradição personalista cristã, sobretudo nas linhas desenvolvidas por Dietrich von Hildebrand e Karol Wojtyła (São João Paulo II), com vistas à renovação do ambiente intelectual e cultural.

As publicações, cursos acadêmicos e eventos públicos têm o objetivo de apresentar ao público os maiores pensadores e expoentes do personalismo dos séculos XX e XXI. Animados por um sentido agudo do mistério e da dignidade da vida humana, essas pessoas desenvolveram um personalismo capaz de projetar luzes novas sobre temas como: liberdade e consciência, a transcendência religiosa da pessoa, a relação entre indivíduo e comunidade, o amor entre homem e mulher e o poder vivificante da beleza. O Projeto insere essa visão da pessoa humana nas grandes tradições filosóficas do ocidente e do cristianismo e aborda, a partir do personalismo, as mais profundas necessidades e aspirações dos nossos contemporâneos.

Para mais informações, visite: www.hildebrandproject.org.

DIETRICH VON HILDEBRAND
& ALICE VON HILDEBRAND

A ARTE DE VIVER

Tradução
Artur Padovan e Henrique Elfes



QUADRANTE

São Paulo

2021

Título original
The art of living

Copyright © 2021 The Dietrich von Hildebrand Legacy Project

Capa
Douglas Catisti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hildebrand, Dietrich von

A arte de viver / Dietrich von Hildebrand; tradução de Artur Padovan, Henrique Elfes. – 1ª ed. – São Paulo : Quadrante Editora, 2020.

Título original: *The art of living*

ISBN: 978-65-86964-50-9

1. Comportamento humano - Aspectos sociais 2. Ética 3. Valores éticos 4. Virtudes I. Título

20-53055

CDD 306

Índice para catálogo sistemático:

1. Comportamento humano : Evolução social 306

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos reservados a
QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 3873-2270
CEP 01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br / atendimento@quadrante.com.br

Sumário

Respeito	7
Fidelidade	19
Responsabilidade	33
Veracidade	43
Bondade	55
Comunhão	65
Esperança	91
A virtude hoje	117
O coração humano.....	141

Respeito

Os valores morais são o que há de mais elevado entre todos os valores naturais. Acima da genialidade, da sensatez, da vida próspera, acima da formosura da natureza e da arte, acima da estrutura perfeita e da força de um Estado, estão a bondade, a pureza, a veracidade e a humildade do homem. Um ato de autêntico perdão, uma renúncia magnânima, um amor ardentemente abnegado encerram um significado e magnitude, uma transcendência e perenidade muito maiores do que todos os valores da nossa civilização. Os valores morais positivos são o âmago do mundo; a sua negação, o pior dos males: pior do que o sofrimento, a doença, a morte, pior do que a ruína das culturas mais florescentes.

Assim o reconheceram já todos os grandes espíritos, um Sócrates e um Platão, insistindo sempre em que é melhor sofrer uma injustiça do que cometê-la. Mas é sobretudo no *éthos* cristão que esta preeminência da esfera moral toma o lugar de uma concepção fundamental.

Os valores morais são sempre valores da pessoa. Inerentes unicamente ao homem, só no homem se

podem realizar. Uma coisa material, digamos uma pedra, uma casa, não pode ser moralmente boa ou má; nem pode sê-lo um ser vivo, como, por exemplo, uma árvore ou um cão. De modo semelhante, as invenções, as obras do espírito humano – os livros científicos, as obras de arte – também não podem ser sujeitos de valores morais: não lhes é dado serem leais, humildes, cordiais. Podem, quando muito, como sedimento do espírito humano, refletir indiretamente esses valores. Só o homem, como ser livre, no uso da sua responsabilidade, pode ser moralmente bom ou mau na sua ação e nos seus negócios, no seu querer e no seu esforço, no seu amor e ódio, na sua alegria e tristeza, bem como nas suas atitudes fundamentais duradouras. Eis por que o ser do próprio homem, a personalidade penetrada de valores éticos – o homem humilde, puro, veraz, fiel, justo, dedicado – é mais transcendente do que a criação de bens culturais.

Mas de que modo chega o homem a participar desses valores morais? Acaso se formam por si sós, como a beleza do semblante, como a inteligência de que foi dotado, como um temperamento vivo? Não: têm origem em atitudes livres e conscientes; exigem uma colaboração essencial. A sua presença depende de uma dedicação consciente e livre. E quanto mais o homem se abrir aos valores éticos, quanto mais pura e incondicionalmente se dedicar a eles, tanto mais rico será também ele próprio em valores morais.

Um homem é incapaz de ser moralmente bom se estiver cego para o valor moral das outras pessoas, se não distinguir o valor inerente à verdade do não valor ine-

rente ao erro, se não entender o valor que há numa vida humana ou o não valor de uma injustiça. Se alguém se interessa apenas por saber se determinada coisa o satisfaz ou não, se lhe é agradável, em vez de se interrogar sobre o seu significado, a sua beleza, a sua bondade, ou sobre o que vem a ser em si mesma; numa palavra, se não se interessa por saber se essa coisa é *valiosa*, é-lhe impossível ser moralmente bom.

A alma de todo o comportamento eticamente bom reside na dedicação àquilo que objetivamente é valioso, no interesse por uma ação na medida em que esta encerra valores morais. Suponhamos dois homens que testemunham uma injustiça sofrida por um terceiro. Um, interessado apenas na sua satisfação pessoal, não se importa nada com o ocorrido, dizendo de si para si: «Antes ele do que eu». O outro, em contrapartida, prefere sofrer pessoalmente a injustiça a ver o terceiro padecê-la. Este é que tem um comportamento moralmente bom; aquele, um comportamento imoral, porquanto passa indiferente pela questão dos valores.

Fazer ou deixar de fazer o que é agradável, mas indiferente do ponto de vista dos valores, isso fica à discrição de cada um; se uma pessoa come ou não um prato saboroso, isso é lá com ela. O valor positivo, porém, exige de nós uma resposta afirmativa, assim como o valor negativo nos exige uma recusa. Aqui já não se pode adotar um comportamento qualquer; impõe-se dar a resposta correta. Ajudar alguém que passa necessidade não é uma questão de gosto; quem não o faz torna-se culpado de ignorar o valor objetivo da ajuda.

Só o homem que entende que há coisas «importantes

em si mesmas», que há coisas belas e boas em si, só o homem que capta a exigência sublime dos valores, o seu apelo e o dever de voltar-se para eles e deixar-se formar por sua lei, é capaz de perceber pessoalmente os valores morais. Só o homem que é capaz de ultrapassar o seu horizonte subjetivo e que, livre de todo orgulho e concupiscência, deixa de perguntar o que lhe satisfaz, mas antes entrega-se e subordina-se ao que é importante em si – o belo, o bom –, só esse homem pode tornar-se propriamente portador de valores morais.

A capacidade de assimilar os valores, de afirmá-los e responder a eles é o fundamento da realização dos valores morais do homem.

Ora, isso só se verifica no homem respeitador. O *respeito* é aquela atitude fundamental que, por assim dizer, se pode apontar como mãe de toda a vida moral, porque é ela que, antes de mais nada, permite abeirar-se do mundo e abrir os olhos para os valores que encerra. Por isso, nestes capítulos sobre as atitudes morais, isto é, as atitudes que fundamentam toda a vida moral, temos de falar em primeiro lugar do respeito.

O homem desrespeitoso, atrevido, é incapaz de toda e qualquer dedicação e subordinação. Ora se torna escravo da soberba, daquela contração do eu que o encerra em si mesmo e o mergulha em cegueira, levando-o a perguntar constantemente: «Terá subido de ponto o meu prestígio, terá aumentado o meu poder?»; ora se faz escravo da avidez com que reduz o mundo inteiro a uma mera ocasião de prazer. Por isso não consegue criar no seu íntimo aquele silêncio, aquela atitude receptiva que permite compreender o que há de peculiar

e valioso em cada situação e em cada homem. Trata tudo com a impertinência e a indelicadeza de quem só repara em si mesmo e só se escuta a si mesmo, sem cuidar do mais que existe. Não sabe manter distância alguma em relação ao mundo.

Esta falta de respeito apresenta duas modalidades, conforme se baseie na soberba ou na avidez. A primeira, a falta de respeito que procede da soberba, é a *insolência*. O homem deste tipo, com uma sobrançaria petulante, abeira-se de tudo sem se dar ao incômodo de entender a fundo coisa alguma. É o sabichão enfadonho que, sem mais, tudo julga descobrir e conhecer de antemão. É o homem para quem nada pode haver de superior a si mesmo, nada que ultrapasse o seu horizonte ou encerre algum segredo. É o homem a quem Shakespeare, no seu *Hamlet*, avisa que «há mais coisas entre céu e terra do que sonha a vossa filosofia». É o homem ignorante, obtuso, do gênero daquele Wagner, fãmulos do Fausto, todo satisfeito «por ver quanto progrediu». Um homem destes não sabe nada da amplitude e da profundidade do mundo, do sentido misterioso e da plenitude incomensurável do belo e do bom, de que nos falam cada raio de sol e cada planta, e que se desvendam no sorriso inocente de uma criança e nas lágrimas de arrependimento do pecador. Para o seu olhar estreito, arrogante, o mundo achatou-se, tornou-se unidimensional, insípido, insignificante. Está claramente cego para os valores e para o mundo. Passa pelo mundo com uma decadente incompreensão.

A outra modalidade de falta de respeito, a do *ávido embotado*, é igualmente cega para os valores. Só lhe in-

teressa saber se uma coisa lhe é ou não agradável, se lhe dá prazer, se lhe traz alguma utilidade, se precisa dela. Em tudo se limita a ver o aspecto que se prende com o seu interesse ocasional, imediato. Tudo quanto há se cifra para ele num meio de atingir os seus fins egoístas. Gira eternamente no círculo da sua estreiteza, sem dele sair jamais. Daí o não conhecer também a felicidade profunda e verdadeira que só brota da dedicação a valores puros, do contato com aquilo que em si é belo e bom. Não se dirige com insolência a tudo o que existe, como o primeiro tipo, mas é como ele falto de abertura e de distância; porque, como apenas procura o que num dado momento lhe é útil e necessário, tudo passa por alto. Não logra jamais o silêncio interior, não consegue abrir-se, não se deixa presentear. Também ele vive num eu espasmodicamente contraído. O seu olhar «resvala em tudo estupidamente», sem penetrar no verdadeiro sentido e valor de qualquer assunto. É também «míope», e põe-se tão «perto» de tudo que lhe escapa o conhecimento da verdadeira essência das coisas; deste modo, não concede a nada do que existe o «espaço» necessário para que se desenvolva na sua peculiaridade e plenitude, e o mundo fecha-lhe por seu turno a sua amplitude, profundidade e altura.

Quem é respeitador encara o mundo de uma maneira inteiramente diferente. Descontraído, sem espasmos, livre da soberba e da avidez, longe de encher o mundo com o seu «eu», cede ao que existe a sua vez para deixá-lo desenvolver-se na sua peculiaridade. Percebe a dignidade e a nobreza do que existe, simplesmente por existir em face do nada; percebe o valor que possui cada pe-

dra, cada fio de água, cada talo de erva, enquanto ente que possui existência própria, que existe de tal maneira e não de outra; percebe que cada coisa é o que é, que é *algo* independente da pessoa do observador e subtraído ao seu arbítrio, ao contrário de qualquer simples quimera ou aparência. Daí que cada uma dessas coisas possua o valor, um tanto genérico, da existência.

Em razão dessa autonomia, o ser jamais é um simples meio para o homem respeitador e para os seus eventuais objetivos e fins egoístas. Não se trata de algo que ele possa simplesmente usar; ele toma-o a sério em si mesmo, dando-lhe a vez de se mostrar na sua peculiaridade. Diante do ser, o homem respeitoso cala-se para deixar falar o existente. O homem dotado de respeito sabe que o mundo do ser é maior do que ele, que ele não é o Senhor, capaz de fazer com as coisas o que lhe aprouver; sabe que deve aprender com o ser, e não o contrário.

Esta atitude de abertura ao valor do ser encontra-se embebida da disposição de apreciar algo de mais elevado que o próprio arbítrio e prazer, de subordinar-se e abandonar-se a si mesmo. Permite que o olhar espiritual veja a natureza mais profunda de cada ser. Permite ao ser a possibilidade de desvelar sua essência e torna o homem capaz de assimilar valores. A quem se há de abrir a sublime beleza de um pôr do sol ou de uma Nona Sinfonia de Beethoven, a quem senão àquele que respeitosa e se abeira dela, abrindo-se interiormente ao respectivo ser que nela existe? Para quem há de reluzir o milagre que palpita na vida e desabrocha em qualquer planta, para quem senão para aquele

que a contempla cheio de respeito? Em contrapartida, o mundo, cheio de sentido e de finalidades organizadas, nunca se desvenda na sua beleza e misteriosa dignidade a quem se limita a ver nele gêneros alimentícios ou um ganha-pão, isto é, qualquer coisa de que se pode servir e que lhe aproveita.

O respeito é o pressuposto imprescindível de todo o conhecimento profundo, e sobretudo de todo o deixar-se enriquecer e elevar pelos valores, de toda a subordinação à sua majestade. No respeito, leva-se em consideração o caráter sublime do mundo dos valores – nele se há de encontrar o voltar-se para esse mundo mesmo, aquela reverência ante as exigências objetivas e válidas que são imanentes aos valores e que, independentemente da vontade e dos desejos arbitrários dos homens, pedem resposta adequada.

O respeito é o pressuposto de toda resposta aos valores, de todo abandono a algo importante; ao mesmo tempo, é um elemento essencial dessa resposta ao valor. Sempre que alguém se entrega ao bem e ao belo, sempre que alguém se conforma à lei interior do valor, a atitude fundamental do respeito jaz implícita. É possível notá-lo mediante o exame das atitudes morais nos diferentes níveis da vida.

A atitude fundamental de respeito está na base de todo o gênero de comportamentos éticos do homem para com o seu próximo e para consigo. Só o indivíduo respeitador pode descobrir toda a magnitude e profundidade de cada homem enquanto pessoa espiritual, enquanto ser livre e responsável, o único entre os seres conhecidos que é capaz de compreender e

comunicar-se com os outros seres, adotando perante as coisas uma posição cheia de sentido; o único destinado a tornar-se um recipiente de bondade, pureza, fidelidade, humildade. Como há de alguém abrir-se realmente a um outro, como há de sacrificar-se por ele, se não faz ideia da preciosidade e da abundância que se encerram numa alma humana, se não tem nenhum respeito por esse ser?

Além disso, esta atitude fundamental de respeito é pressuposto de todo o verdadeiro amor, sobretudo do amor ao próximo, porque nenhum amor é possível sem a compreensão dos valores que a pessoa traz consigo. O respeito pelo ser amado é parte *constitutiva* de cada amor. A capacidade de «escutar» a peculiaridade do outro, em vez de violar essa peculiaridade ao sabor dos próprios desejos, a capacidade de tomar a sério o ser amado e de lhe dar largas para que se possa expandir – todos estes elementos, que compõem a estrutura do amor autêntico, derivam do respeito. Que seria do amor de mãe sem o respeito pela criança em formação, por todas as possibilidades de valor nela latentes, pelas preciosidades da sua alma!

Um respeito semelhante claramente repousa na justiça para com os demais, na estima pelos seus direitos, pela liberdade das suas resoluções, bem como na limitação dos caprichos próprios e na compreensão das pretensões alheias. O respeito pelo próximo é por sua vez o fundamento de toda a verdadeira convivência, da reta incorporação no matrimônio, na família, na nação, no Estado, na humanidade; é ainda o fundamento da submissão à autoridade legítima, do cumprimento dos

deveres morais para com a comunidade como um todo e para com os membros individuais que a compõem. *A falta de respeito rompe e corrompe a comunidade.*

Mas o respeito é também a alma do reto comportamento noutras esferas da vida; por exemplo, na esfera da *pureza*. O respeito pelo segredo da união conjugal, pela profundidade, delicadeza e caráter rotundamente definitivo dessa intimíssima entrega, constitui o pressuposto da pureza. É o respeito que, antes de mais, permite compreender como é pavoroso invadir abusivamente esse campo íntimo, compreender até que ponto há nessa invasão uma *profanação* e uma degradação de si mesmo e dos outros. O respeito pelo milagre da origem da nova vida, na mais estreita união amorosa entre dois seres humanos, fundamenta o horror a todas as demolições da misteriosa conexão que existe entre o amor e a formação de um novo homem, permitindo compreender quanto elas são injuriosas, artificiais ou impertinentes.

Onde quer que se ponham os olhos, onde quer que no homem deva florescer a vida moral, o respeito é sempre o fundamento e, simultaneamente, um elemento essencial dessa vida. Sem essa atitude fundamental, não há nenhum amor verdadeiro, nenhuma justiça, nenhuma consideração, nenhuma autoeducação, nenhuma pureza, nenhuma veracidade; mas, sobretudo, nenhuma profundidade. Sem o respeito, o homem torna-se mesmo *trivial* e *fútil* porque não entende a profundidade que se esconde nos seres, porque para ele não há mundo algum por trás ou acima do visivelmente palpável. Só para o homem respeitador se abre a esfera da

religião. O sentido e o valor que se encerram no mundo como um todo, só aos seus olhos se revelam. Assim, o respeito como atitude moral fundamental jaz no início de toda a religião. Trata-se da base de todo comportamento reto do homem para consigo mesmo, para com o próximo, para com todo nível do ser e, sobretudo, para com Deus.